



A Vida das Abelhas

Trad. especial para a Revisia.

De Maurício Mæterlinck

O ardor ainda húmido de um bello dia que se annuncia tranquillo e radiante, apressa a hora da partida. De alto a baixo dos corredouros dourados que são separados por mura-lhas parallelas, as operárias terminam os preparativos da via-gem. E antes de tudo, cada uma dellas se carrega de provisão de mel sufficiente para cinco ou seis dias. Deste mel que ellas levam, extrairão, por processo chímico que ainda se não ex-plicou claramente, a cera necessária para recommençar immédia-tamente a construcção dos edificios. Munem-se, alem disso, de certa quantidade de própolis, que é uma especie de resina destinada a calafetar as fendas da nova moradia e de nella fi-xar tudo o que balança e a envernizar todas as paredes, a ex-cluir toda a claridade, pois que ellas gostam de trabalhar em quasi completa obscuridade, onde, com o auxilio de seus olhos facetados ou talvez das suas antenas, que se pensa ser a séde de um sentido desconhecido que apalpa e mede as trevas,—ellas se dirigem mui bem.



As abelhas sabem pois prever as aventuras do dia mais perigoso de sua existencia. Talvez que hoje, inteiramente ab-sorvidas de cuidados e entregues ao accaso realmente prodigi-oso do grande astro, não terão tempo de visitar os jardins e as pradarias e amanhã é possivel que faça vento, que chova, que as suas azas gelem e que as flores não desabrochem. Se lhes faltasse esta providencia, esperal-as-ia a fome ou a morte.

Ninguem as socorreria e não implorariam socorro de ninguem. De cidade a cidade não se conhecem e nunca se ajudam. Acontece mesmo que o apicultor installa a colmeia onde recolheu a velha rainha e o cacho de abelhas que a cerca, bem ao lado da moradia que ellas acabam de abandonar. Qualquer que seja o desastre que as fira, dir-se-ia que ellas esqueceram irrevogavelmente a paz, a felicidade laboriosa, as enormes riquezas e a segurança que ali gosaram e todas, uma a uma, té a ultima, morrerão de frio e de fome em torno de sua desgraçada soberana, preferindo-o a entrarem de novo na casa natal, cujo bom arôma de abundancia, que não é sinão o perfume de seu trabalho passado, se evola, penetrando até a sua miseria.



Eis ahi está, dir-se-á, o que não fariam os homens,—um desses feitos que provam, apesar das maravilhas dessa organização que não existe ahi nem intelligencia nem consciencia verdadeiras. Que podemos nós saber? Alem de ser muito admissivel que haja em outros seres uma intelligencia e outra natureza que a nossa e que produza effeitos differentissimos sem serem inferiores, seremos nós, se bem que não sahindo da nossa pequena parochia humana tão bons juizes das cousas do espirito? Basta que vejamos duas ou tres pessoas conversarem e se agitarem atraz de uma janella, sem ouvirmos o que ellas dizem e já nos é bem difficil de advinhar o pensamento que as domina. Acreditaes que um habitante de Marte ou de Venus, que, do alto de uma montanha visse ir e vir, pelas ruas e praças publicas de nossas cidades os pontinhos negros que nós somos no espaço, formaria, pelo espectaculo de nossos movimentos, de nossos edificios, nossas machinas, uma idéa exacta de nossa intelligencia, de nossa moral, nossa imaneira de amar, de pensar, de esperar, em uma palavra, maginaria o ser intimo e real que o homem é? Contentar-se-ia em verificar alguns factos assaz surprehendentes, como fazemos na colmeia, e tiraria provavelmente conclusões tão certas, tão erroneas quanto as nossas.

Em todo o caso, teria elle grande trabalho em descobrir nos nossos “pontinhos negros” a grande direcção moral, o admiravel sentimento unanime que resplandece na colmeia. “Onde vão elles?—perguntar-se-ia depois de nos haver obser-

vado durante annos ou seculos; que fazem elles? qual o sitio central e o fim de sua vida? obdecerão a algum Deus?—nada vejo que conduza os seus passos. Um dia parecem edificar e juntar pequenas cousas, e no dia seguinte tudo destróem e espalham. Vão e voltam, reúnem-se e dispersam-se, mas não se sabe o que desejam. Offerecem uma quantidade de espetaculos inexplicaveis. Alguns ha, por exemplo que não fazem nenhum movimento. Reconhece-se-os pela pelle mais lustrosa; ás vezes tambem são mais volumosos que os outros. Occupam moradas dez ou vinte vezes mais vastas, mais engenhosamente cheias de ordem e mais ricas que as moradias communs. Ahi fazem todos os dias suas refeições que se prolongam durante horas e algumas vezes entram pela noite. Todos os que delles se aproximam parecem homenageal-os o os fornecedores de viveres sahem das casas circumvesinhas e vêm de longiquos campos trazer-lhes presentes. E' de crêr que elles sejam indispensaveis e prestem á especie serviços essenciaes, se bem que os nossos meios de investigação não nos permittissem ainda de reconhecer com exactidão a natureza desses serviços. Outros ha, ao contrario, que em grandes gaiolas accumuladas de rodas que giram sempre, em reductos obscuros, em torno dos portos ou em quadrados de terra que focinham da aurora ao pôr do sol, não cessam de agir penosamente.

Tudo nos leva a crer que seja esta agitação digna de castigo. Accomoda-se-os, com effeito, em estreitas cabanas sujas e desmoronadas. Cobre-os uma substancia incolôr. E o seu ardor é tal para a obra tão nociva ou pelo menos inutil, que, parecem mal terem tempo de dormir e de comer. O seu numero é, em relação aos primeiros como de mil a um. E' notavel que a especie se tenha podido manter até aos nossos dias em condições tão desfavoraveis ao seu desenvolvimento. Convem ainda notar que, afora esta obstinação característica ás suas penosas agitações, tem aspecto inofensivo e docil, sustentando-se com os restos dos que são evidentemente os guardas e talvez os salvadores da raça.



Não é de surprehender que a colméia que vemos assim confusamente, do cimo de um outro mundo, nos dê, ao primeiro olhar que lhe deitamos, resposta tão certa e profunda?

Não acheis admiravel que os seus edificios cheios de certeza, seus costumes, suas leis, sua organização económica e politica, suas virtudes e suas próprias crueldades, mostrem immediatamente o pensamento ou o deus que as abelhas servem, e que não é nem o menos legitimo nem o menos razoavel dos deuses que se possam conceber, se bem que o único que não tenhamos ainda seriamente adorado, quero me referir ao futuro. Ás vezes, em nossa história humana, procuramos avaliar a força e a grandeza moral de uma raça, e não encontramos outra medida a não ser a persistência e a amplidão do ideal que elles perseguem e a abnegação com que a elle se dedicam. E'-nos dado frequentemente encontrar um ideal mais conforme aos desejos do Universo, mais firme, mais augusto, mais desinteressado, mais manifesto, e uma abnegação mais total e mais heróica?



Estranha republicueta tão lógica e tão grave, tão positiva, tão minuciosa, tão económica e no entanto victima de um tão vasto e tão precário sonho! Pequeno povo de tamanha energia e tão profundo, nutrido de calor e de luz e do que ha de mais puro na Natureza; a alma das flores, isto é, o mais evidente sorriso da matéria e seu mais commovente esforço para a ventura e a belleza,—quem nos contará os problemas que resolvestes e que nos restam ainda a resolver, as certezas que adquiristes e que ainda estamos por conquistar? E se verdade é que resolvestes esses problemas e conquistastes essas certezas, não com o auxílio da intelligência, mas em virtude de não sei que impulso primitivo e cego,—quão mais insolúvel ainda não será o enigma a que nos arrastaes?

Cidadezinha cheia de fé, de esperança, de mystérios, porque aceitarão as vossas cem mil virgens uma tarefa que nenhum escravo humano teria nunca aceito? Ellas tornariam a ver uma outra primavera e um segundo estio, se mais poupadas fossem as suas forças, e menos esquecidas de seu conforto; mas á hora magnífica em que todas as flores as attraem, parecem atingidas pela embriaguez mortal do trabalho, e, com as asas despedaçadas, o corpo reduzido a nada e coberto de chagas, perigam quasi todas em menos de cinco semanas.

Tantus amor florum et, generandi gloria mellis.

exclama Virgílio, que nos transmittiu no quarto livro das *Geórgicas*, consagrado ás abelhas, os deliciosos erros dos antigos que observavam a Natureza, com o olhar ainda todo resplandescente pela presença de deuses imaginários.

S. de Padilha

HISTÓRIA SIMPLES

Era uma vez, um rouxinol cego. A aldeia em que elle estava, nesse álgido dezembro, envelhecêra, e se engelhara ao frio; fazia sempre uma luz de poente. E, no entanto, o rouxinol cego cantava, em pleno inverno: a acção do calor da lareira fazia-o ruflar as asas de contente, suppondo-se á Primavera flórida e luminosa. E não lhe causava estranheza essa estação vernal sem fim!

E o rouxinol cego chilreava alegremente como se estivesse dentro da quente e perfumada primavera. Mas o inverno corria fríssimo; o vento era cortante; e a aldeia envelhecêra com a neve. Tudo parado. Nada bolia;—um amortalhamento glacial penetrava finamente as coisas. As árvores esqueléticas tititavam docemente, com profundos estremecimentos nas raízes à lembrança de estios opulentos. Havia um soluço branco e congelado no ar. A paisagem crystallizara-se.

E o rouxinol gorgeiava se tivamente, como doido, em expansões alacres e buliçosas, saltitando fugace, presto nos movimentos, de travessa em travessa na sua ampla gaiola, á queimadura do fogão. Irradiava rumurosamente.

Por sobre a Natureza sombrosa e melancólica errava frígida e longinqua tristeza de morte.

E a invernia congelara o próprio sol. A vida muda e imóvel, parecia hibernar para sempre.

O rouxinol cantava sempre, em longos tritulos musicaes, para a alegria da vida, para a esperança, para a eterna primavera . . .

*
* *

E porque não somos nós, como tu, rouxinol cego?

F. R.



AVE PRIZIONEIRA

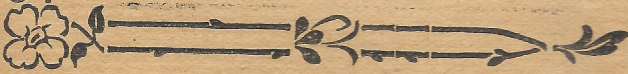
(Versos para uma criança)


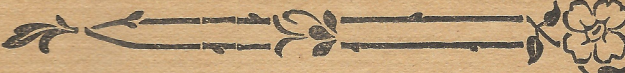
Era uma ave feliz,
de plumagem azul, de um azul muito brando.
Vivia saltitando,
cantando,
de quando em quando,
uma canção de amor que a palavra não diz.

Mal despontava a aurora,
mal despontava o dia,
do ramo verde, em flôr, um cantico rompia
pelo infinito alem, pelo arvoredado a fóra.

O sol flavo e fecundo,
que vinha encher de luz os ambitos do mundo,
encontrava a cantar, ou vivo, ou de mansinho,
aquele jovial e alegre passarinho.

E então, gracioso, amigo,
que festa lhe fazia, ai! que festa, Jesus!
Deixava de beijar a roza, o lyrio, o trigo,
para fazer-lhe em torno,
todo sereno e morno,
um circulo ideal que deslumbra e seduz.





Nada havia sequer que resistisse
ao doce encanto, á garridice
daquela virjinal, pequenina avezita.
Vestia-se de azul a abobada infinita,
amainava de vez do vento a furia brava,
quando aquele cantar melodioso vibrava.
Pelos verdes rozais rebentavam as rozas;
delas, finas olencias capitozas,
a produzir tanto prazer,
que a alma da gente,
lentamente,
cheia de rizo e de esperança,
ficava mansa e muito mansa
e comoçava a adormecer.
Porem, mão negra, atroz, maldita,
meteu a bela da avezita
nas grades vis de uma prizão.
E, vendo-se perdida, a debater-se em vão,
foi se calando muito triste,
E como alguém que não reziste
á perda de um amôr que foi somente seu,
a pobre ave
tão suave
mais uma vez cantou, cantou... depois... morreu.

Teodoro Rodrigues



Prontuário Ortográfico

SÚMULA das principaes regras que se hão de observar na escrita das palavras e formas vocabulares portuguezas:

1 O alfabeto consta das seguintes vinte e quatro letras, e de mais três, que sómente em circunstâncias especiaes se empregam e aqui vão incluídas em parêntese curvilíneo:

a b c ç d e f g h i j (k) l m n o p q r s t u v (w) x (y) z.

2 Além destas letras, há outros caracteres, que ora são figurados por duas letras empareiradas, ora por sinaes diacríticos, sobrepostos a várias destas letras. Assim augmentado, o sistema de escrita portugueza compõe-se de 53 símbolos:

a, á, â, ã, ä; b; c, ç, ce, (cê), ch; d; e, é, ê, ê; f; ge, (gi), g, gu, gú; h; i, í, ì; j; (k); l, lh; m; n, nh; o, ó, ô, õ, õ; p; qu, qû; r, rr; s, ss, sc; t; u, ú, ù; v; (w); x; (y); z.

O valôr destes caracteres, excluídas as letras *k, w, y*, está exemplificado nas palavras seguintes: *par, pá, àquela, ânimo, lâ; praça, cela, cinta, chá; dado; de, sé, prègar, sê; foz; gema, giz, gágo, guerra, agüentar; há; li, figado, faiscar; la; lhe; mó; nó; lenha; lado, copa, pó, mólhada, avô, pôe; que, freqüente; caro, ré, carro; só, passo, scena, casa; tuga, último, saüdar; véu; xadrez, exame, sexo, próximo, tecto; zêlo.*

3 Dêstes caracteres tem um único valor e emprego os nove seguintes: *b, d, f, j, l, p, qu, t, v.*

4. *a*: Designa o *a* aberto quando está na sílaba tónica principalmente, e em sílaba átona se está seguida de *l*; ex.: *cabo, faltou.*

5. Fora da sílaba tónica denota em geral o *a* surdo, como *boca, parede, camarote.*

O *a* surdo pode ser tónico, se está antes de consoante nasal, *m, n, nh*; ex.: *cama, cana, manha, louvamos.*

6. *á*: Emprega-se com o valor de *a* aberto quando seja necessário marcar *a* tónico, isto é: na última sílaba, seguido ou não de *s*, na penúltima, se a última não termina em *a, (s), e, (s), o, (s), m*, e na antepenúltima; ex. *lá, será (s), fácil, fáceis, carácter, sável, prática.* Emprega-se também para differenciar *pára* de *para*, preposição, e na forma verbal do pretérito, 1.^a pessoa do plural, *louvámos*, para differenciar do presente *louvamos.*

7. *à*: Designa o *a* aberto átono em vocábulos que se escrevem com as mesmas letras que outros que têm *a* surdo, e também para denotar o acento secundário em derivados; ex.: *abada* (de *aba*; cf. *abada*, "animal"), *pázada, dezábar.*

8. *â*: Indica o *a* surdo tónico em vocábulos esdrúxulos; ex.: *ânimo, câmara*; ou em inteiros terminados em *i, u*, vogal nasal, ditongo ou consoante diferente de *s*; ex.: *cânon, âmbar, etc.*

9. *ã*: *a* nasal em fim de vocábulo, seguido ou não de *s*, e nos ditongos *ãe, ão*; ex.: *lã (s), mãe (s); mão (s).*

Se não há outro acento no vocábulo, vale por acento tónico; ex.: *rabão, a apar de rábão (s)*

O ditongo ão átono, final, de formas verbais, escreve-se *am*; ex.: *ven-dam, louvam, louvaram*; cf. *louvarão*, futuro.

Antes de *b, p, m*, a vogal *ã* escreve-se *am*, e antes de outra consoante, *an.*: *campo, lamber, emmalar; banco, frango; canto, quando, lança, ânsia, rancho, laranja, etc.*

10. *ce, ci ça, ço, çu*: ç escreve-se antes de *a, o u*; *c* sem cedilha, antes de *e, i*; ex.: *faça, faço, cabeçudo; fácil, face, paço, palácio, palacête.*

No interior dos vocábulos, corresponde a *ci, ti*, latinos, e a *ss* arábicos, e nisto se diferencia do *s*, o qual corresponde a *s* latino; ex.: *alçar*, (lat. *altiare*), *ração* (lat. *rationem*), *faço* (lat. *facio*), *açafate, açafrao, re-tece, açúcar*, (arábicos); *paço* a par de *passo*.

No começo da palavra usa-se *s* por *ç*; ex.: *sapato*

Em fim de palavra escreve-se *z* e não *ç*; ex.: *vez* (lat. *uicem*), diferente *vês*, (lat. *uides*), *arroz* (arábico).

11. *ch*: Emprega-se como inicial e medial, e nunca como final. Na pronúncia do idioma culto, e bem assim nos vernáculos meridionais, confunde-se no valor há mais de dois séculos com o *x* inicial, do qual se diferencia pela origem. Corresponde o *ch*, em geral, a *cl, jl, pl*, latinos, e a *ch* francês nas palavras desta proveniência, ex.: *chave* (lat. *clauem*) *chama*, (lat. *flamma*) *chuva*, (lat. *pluvia*) *chapéu* (fr. *chapeau*). Corresponde a *ll* e a *ch* castelhanos.

O *ch* com valor de *k* é substituído por *qu* antes de *e, i*, e por *c* em qualquer outra situação; ex.: *monarca, monarquia, querubim, côro, claro, coreografia, catecúmeno, crisol.*

12. *c*: Esta letra emprega-se antes de *a, o, u*, consoante, ou como final, rara; ex.: *cá, côr, cume, claro, cravo, facção, Abimeléé*, etc.

13. Antes de *e, i*, é substituída por *qu*; ex.: *sequeiro, ressequido, de seco*. E' mudo o *c* actualmente em muitos vocábulos em que antes se proferia, e conserva-se quando *a, e, o* precedentes permanecem abertos, e por analogia ainda mesmo que essas vogaes sejam tónicas; ex.: *secção, acção, activo, acto; espectáculo, espectador*; mas *autor, junção, junto, sanção, santo*, etc.

14. *e*: Designa em sílabas átonas e surdo; ex.: *se, de, me, te, the (s), secar, remediar, lume, úbere, cadáveres*, etc.

Vale por *i* átono antes de vogal, ou de consoante palatal; ex.: *fealdade, beato, teatro, teor, arreeiro, feissimo, conteúdo; fechar, telhar; lenhador, desejar*. Cumpre recorrer á etimologia do vocábulo, ou a uma forma primitiva dêle, em que o *e* seja tónico, para assim o diferenciar de *i*: *fealdade, de feio; areeiro, de areia; fechar, de fecho, telhal, de telha; lenhador, de lenha; desejar, de desejo; teatro, beato, teor, conteúdo*, do lat. *th* e a *t* ruum, *b* e a *t* u m, *t* e a *t* e e. Tem tambem êsse valor de *i*, como inicial átona; ex.: *evitar, erguer, herói*.

15. *e*: vale por *e* aberto, ou por *e* fechado, sendo tónico; ex.: *neve, certo, der, perda, ver*; e por *e* aberto ou fechado, átonos, *relveiro, sável, carácter, cadáver, secção, abdómen*.

16. Vale por *a* no sul do país, antes de consoante palatal e no ditongo *ei*; ex.: *igreja, fecho, sênha, telha, lèi*.

17. *é*: Denota o *e* aberto tónico, quando haja de marcar a sílaba predominante, isto é, como final, seguido ou não de *s*, e nos esdrúxulos; ex.: *maré (s), cédula*. Marca-se igualmente o acento agudo no *e* quando a sílaba predominante é a penúltima e a palavra não termina em *a (s), e (s), o (s), am, em*, e bem assim nos ditongos *éi, éu*, sempre tónicos; ex.: *éter, Vénus, fertil, férteis; céu, escarcéu, papéis*. Sem acento, porém, escreveremos *levam, levem*, etc.

18. ê: Indica o *e* aberto átono, quando se torne necessário diferenciá-los homógrafos; ex.: *pêgada*, diferente de *pegada*, *prêgar*, de *pregar*

19. ê: Designa o *e* fechado tônico, quando seja de regra marca-lo com acento; ex.: *mercê (s)*, *vê (s)*, *semêa*, *zêzere*, *pêssego*, *concêntrico*, *Estêvão*, etc.

20. O *e* nasal nunca termina vocábulo no idioma comum, em que é substituído pelo ditongo nasal *em*, *ens*, (*ei*, (*s*), o qual se acentua quando é tônico final de polisílabos; ex.: *vintêm*, *vintêns*: *contêm*, *contêns*; *parabêns*.

21. No princípio e no meio das palavras o *e* nasal escreve-se em antes de *b*, *p*, *m*, e com *en*, em qualquer outra situação; inicial átono profere-se como *im*, *in*; ex.: *membro*, *tempo*; *encher*, *entrar*; *encho*, *entro*; *entender*, *entendo*; *empregar*, *emprego*.

22. *g*: O *g*, para designar a consoante sonora correspondente ao *c*, escreve-se em qualquer situação, excepto antes de *e*, *i*; ex.: *gago*, *glaciário*, *grade*, *digno*, *fragmento*, e raras vezes como final, *Gog*, *Magog*. Suprime-se quando se não profere, dêste modo, escreveremos: *assinar*, *Inácio*, *Inês*, *aumento*, etc.

Antes de *e*, *i* acrescenta-se-lhe *u* (*gu*) ex.: *seguí*, *guerra*, *ligue*, *aguilhoar*.

Se êsse *u* se profere átono, marca-se com acento grave: *agüentar*, *argüir*, *argüente*; se é tônico, com o acento agudo, *argui*.

23. *ge*, *gi*: tem o mesmo valor que o *j* e escreve-se em lugar dêste, quando a etimologia ou a analogia o pedem; ex.: *gente*, *lógica*. Nos derivados de primitivos em *ja*, *jo* *ju*, permanece o *j* antes de *e*, *i*; ex.: *laranja*, *laranjeira*; *loja*, *lojista*.

O *g* etimológico muda-se em *j* antes de *a*, *o*, *u*; ex.: *reger*, *rejo*, *reja*; *fugir*, *fujo*, *fuja*.

24. *h*: É' mudo quando inicial, e escreve-se quando a etimologia do vocábulo o justifica; ex.: *homem*, *humano*, *herdar*, e portanto *ombro*, *ontem*, em que a etimologia o não explica; *iate*, e não *hiate*.

O *h* medial desaparece, mesmo nos vocábulos em que êle como inicial figura; ex.: *desumano*, *deserdar*, e com maior razão em *inibir*, *inúbil*, *filarmónica*, em que daria causa a sua presença a errada leitura; outros exemplos são *colbir*, *sair*, *compreender*, *desonra*, *exibir*, etc.

25. O *h*, como sinal diacrítico, junta-se a *c*, *l*, *n* para designar os sons que as palavras seguintes exemplificam: *chave*, *frecha*, *selha*, *moinho*.

26. O *h*, depois de *t*, *r*, ou *c* com o valor de *k* é proscrito; dêste modo escreveremos *teatro*, *retórica*, *corografia*. Suprimido igualmente é o *h* final, como em *Sara*, *raja*, ou *rajá*, e só se admite em tal situação nas interjeições, como *ah!* *oh!*, etc.

27. *i*: Emprega-se como átono, e como tônico; ex.: *finíssimo*, *quasi*, *virar*, *vira*, etc.

28. Numa série de sílabas, cuja vogal seja sempre *i*, e o vocábulo não seja imperfeito ou condicional de verbo, superlativo ou diminutivo, sómente o último *i* conserva, em geral, na pronúncia desafectada, o seu valor; os mais que o precedem proferem-se como *e* mudo, se a consoante seguinte não é palatal (*x*, *j*, *lh*, *nh*, *s* consoante); ex.: *dividir*, *dividia*, *dividiria*, que se pronunciam *devedir*, *devedia*, *devediria*; *ministro*, que se pronuncia *menistério*; *militar*, que se pronuncia *melitar*. Para se evitarem êrros de ortografia, é preciso atender á etimologia dos vocábulos, e, quando possível, á uma forma em que êsse *i* seja tônico, como em *divide*.

29. Há dois prefixos de valer diferente, que cumpre diversificar na escrita: *des-* e *dis-*. O primeiro é negativo ou privativo, como em *desfazer*, *destingir*, *destinto*; o segundo distributivo como em *dispersar*, *distinguir*, *distinto*, *disjuntir*, *discernimento*, *distúrbio*, etc.

30. *í*: Designa o *i* tônico, quando as regras de acentuação gráfica exigam a marcação; ex.: *frígido*, *Vítor*, *íssil*, *difícil*, *difíceis*, *fugieis*, *tinheis*, *fugirtamos*, *fugirteis*, *fugitreis*, etc.

31. Com acento agudo se marca o *i* tônico que não forma ditongo com a vogal anterior; ex.: *saída*, *saí*, *ai*, *pais*, *paises*, *raízes*.

Antes de *nh*, *nd*, *mb*, pode dispensar-se o acento; ex.: *rainha*, *ainda*, *Coimbra*; pode também dispensar-se antes de consoante final que não seja *s*; ex.: *raiz*, *sair*, mas *raízes*, *saíres*, porque o *z* e o *r* pertencem à outra sílaba.

32. *ì*: Quando o *i*, que não forma ditongo com a vogal antecedente é átono, pode marcar-se com o acento grave; ex.: *saimento*, *proibir*, *paisagem*.

33. O *i* nasal escreve-se *im* antes de *b*, *p*, *m*, ou quando final, *in* em outra situação; ex.: *limbo*, *limpar*, *fim*, *fins*, *findar*, *afinco*, *linfa*, *ninfa*, etc.

34. *j*. O *j* escreve-se antes de *a*, *o*, *u*, *e*, *i*, e antes destas duas vogais, quando a etimologia não justifica o emprêgo de *g*: ex.: *já*, *jóia*, *júbilo*; *veja*, *vejo*; *lojista*, *laranjeira*, *arranjar*, *arranje*; *Jerusalem*, *Jesus*.

35. *l*: designa os sons que se ouvem nas palavras *lá*, *mal*; *lh* a consoante palatal que proferimos em *malha*; portanto escreveremos *fileleno* e não *filheleno*.

36. *m*: Além do seu valor como inicial, ex.: *mal*, *tomar*, etc., o *m* designa as vogais nasais finais *im*, *om*, *um*, por exemplo, em *marfim*, *som*, *jejum*, e o ditongo nasal *em*, como em *cecêm*, *bem*, *devem*, *margem*. O *m* muda-se em *n* ao acrescentar-se *s*; ex.: *marfins*, *sons*, *jejuns*, *cecêns*, *bens*, *margens*.

O *m* expressa com *a* (*am*) o ditongo *ão* átono de formas verbais; ex.: *louvam*, *louvaram*, *vivam*.

37. *m*: Denota qualquer vogal nasal inicial ou medial antes de *b*, *p*, *m*; ex.: *embora*, *empada*, *emmalar*, *lambô*, *êmbolo*, *campo*, *sempre*, *limpo*, *comprar*, *sumptuoso*.

38. *n*: Além de seu valor como inicial de sílaba, por ex.: em *náu*, *neve*, *nitro*, *nuvem*, *cana*, *pena*, *bonito*, *nono*, *canudo*, etc., designa as vogais nasais, quando está seguido de consoante que não seja *b*, *p*, *m*, ou a vogal não é final de vocábulo; ex.: *lança*, *lenço*, *cinto*, *onça*, *funcho*, *fins*, *sons*, *jejuns*. Com *e* designa também o ditongo nasal *êi* quando se lhe segue *s* final; ex.: *nuvens*, *armazêns*, *tens*, *bens*.

39. *nn*: Emprega-se no prefixo *en*, antes de *n* no vocábulo a que se junta; ex.: *ennodoar*, de *nódoa*, *ennastrar*, de *nastro*.

40. *nh*: Denota unicamente a nasal palatal que se observa em *manhã*, *lenha*, *linho*, *vergonha*, *pezunho*; e consequentemente escrever-se-há *inâbil*, *inumano*, *inibir*, sem *h*.

41. *o*: Esta letra tem os seguintes valores:

A tona vale por *u*; ex.: *lado*, *dolo*, *faro*, *proteger*, *comum*, *fortuna*. A escolha entre *o* e *u*, para expressar este som, depende da origem: assim escrever-se ha *formusura*, de *formoso*, de *forma*; *portaria*, de *porta*; *anuviado*, de *nuvem*, mas *anoveado*, de *nove*; *monumento* (do lat. *monumentum*); *rotunda* (lat. *rotunda*); *goraz* (lat. *uoracem*), etc.

42. *o*: Expressa o *o* aberto, como em *toca*, *volta*, *poste*, etc. quando é tônico, e átono em certas condições, como *adoptar*, *nocturno*, isto é, seguido de *p* ou *c* na mesma sílaba, quer essas consoantes se profiram, como em *optar*, *coacção*, quer sejam mudas.

48. *o*: Designa o fechoado tónico, como em *bolo, boca*, ou átono como em *horrível, cánon*, e o átono antes de *l*, como em *voltar, soldado*.

44. *ó*: Denota o o aberto, quando a acentuação gráfica é de regra; ex.: *avó, hipodromo, órfão (s), sós, vós, móvel, móveis, móbil, cómodo*, etc.

45. *ò*: Serve para designar o aberto átono em hómógrafos, como *mólhada*, diferente de *molhada*, e ainda para expressar o acento secundário de palavras que tenham dois, como *pòzinho, sòzinho*, etc.

46. *ô*: Designa o o fechado tónico, quando as regras da acentuação gráfica o exigam; ex.: *avô (s), côr (cf. cor), pôde (cf. pode), sobre (cf. sobre), fôrma (cf. forma), lôgro (cf. logro), lôbrego, sófrego*.

47. Cumpre não confundir na escrita o fechado com o ditongo *ou*, que se mantém distinto nos falares provinciais; assim *osso* substantivo escrever-se-*hiá* com *o*, mas *ouço*, verbo, com *ou*.

48. *ou*: Este ditongo tem por origem *au* arábico, como em *açougue, au* latino, como em *touro; oc, ap, al*, latinos como em *noute, toutho, outeiro*. Em geral alterna com o ditongo *oi*, sendo licito, em grande numero de vocábulos empregar-se um ou outro; ex.: *noite, toiro*.

49. *õ*: Esta letra usa-se unicamente no ditongo nasal *õe*, como em *põe (s), lições*. O *o* nasal, fora d'êste caso unico, é escrito com *om*, se é final ou está antes de *b, p, m*, e com *on* em qualquer outra condição; ex.: *som, romper, rombo, emmolhar; sons, contar, confiar, conchegar, esponja, fonte, bondade, conscio, Onfale*, etc.

50. *p*: Esta letra não se duplica. Conserva-se o *p* mudo depois das vogais *a, e, o*, átonas, quando essas vogais permanecem abertas, como em *adopção, recepção, exceptuar*. Conserva-se ainda o *p*, se essas vogais são tónicas, em vocábulos aparentados, como *excepto, adopto*. Depois de outra qualquer vogal supprime-se o *p* etimológico, se não é proferido; ex.: *pronto, assunto, assunção, cinto*.

51. O *ph* etimológico é em todas as circunstâncias substituído por *f*; ex.: *física, tífo, filtro, profeta*.

52. *qu*. A letra *q* é sempre seguida de *u*, o qual é marcado com acento grave (*ù*) antes de *e, i*, se é proferido; ex.: *quente, quinta; frequência, equestre, equidade*. Antes de *a, o, u*, se o *u* de *qu* é mudo, substitui-se êste grupo por *c*; ex.: *catorze, de quatorze e im, como caderno, de quaternum; cota, de quotta, como licor, de liquorem*. Se o *u* é proferido antes de *a, o, u*, conserva-se o grupo *qu*, sem acento no *u*: *quatro, aquoso*.

53. *r, rr*: O *r* forte escreve-se com *r* simples quando é inicial de palavra, ou de sílaba depois de consoante; ex.: *rã, ré, rio, rol, rumo, honra, pilriteiro, Israel*, etc. Entre vogais duplica-se, ex.: *carrada, carreta, carril, carro, arrumar, farrusca*.

54. Quando a um vocábulo começado por *r* se acrescenta um prefixo terminado em vogal, dobra-se o *r* por ficar entre vogais, para se lhe manter o valor de inicial ex.: *arrasar, de raso; arrostar, de rosto; prorrogar, de rogar; corroer, de roer*.

55. O *r* brando, que sómente se manifesta em fim de sílaba, ou entre vogais, ou depois de consoante pertencente á mesma sílaba, escreve-se com *r* simples; ex.: *dar, pôr, ver, vir, virtude, verdade, vórtice, lowar, dever, punir; cravo, fresco, frigir, crótalo, frustrar; cara, fera, lira, amora, parada, sereno, sarilho, carço, caruma*.

56. O *s* surdo assim se escreve como inicial de palavra, ou depois de consoante, se é inicial de sílaba; ex.: *saco, sé, sirga, só, sul, ânsia, falso, farsa, lapso, psicologia, absorver*. Inicial antes de *e, i*, e depois de consoante, nas mesmas condições, alterna com *ce, ci*, e sómente a etimolo-

gia dos vocábulos, ou um vocabulário, ensinam a verdadeira escrita. O *s* corresponde a *s* latino, o *c* (*e*), e (*i*), a *ti*, *ci* latinos, e a *ss* arábicos; ex.: *sela*, *silvo*, *selha*, *persistir*, *canseira*, *alicerce*, *Alcácer*, etc.

57. Entre vogais o *s* surdo duplica-se, *ss*, e neste caso alterna com *ç* cedilhado, e com *ce*, *ci*, nas mesmas circunstâncias de proveniência dos vocábulos; ex.: *assar*, *assente*, *assiduo*, *posso*, *assumir*, *sossêgo*, *passo*, de *p a s s u m* (cf. *paço*, de *p a l a t i u m*), etc.

58. O *s* sonoro só se manifesta entre vogais, usualmente, e nesta posição alterna com *z*, correspondendo, porém, sempre a *s* latino; ex.: *casa*, *Cesar*, *mes* (*es*), *residir*, *formoso*, *uso*. Conquanto depois de consoante, o *s* é sonoro no prefixo *trans-* seguido de vogal, como em *transeunte*, *transacção*, em *obséquio* e seus derivados, e num ou noutro vocábulo, precedido de consoante sonora.

59. Há duas terminações de substantivos que não devem confundir-se: *-eza*, do lat. *-itia*, e *esa*, do lat. *-ensa*; é esta que se escreve com *s*, como em *defesa*, *devesa*, *presa*, *despesa*, *portuguesa*, etc. Semelhantemente, escreveremos *asa*, do lat. *ansa*, *brasa*, em castelhano *brasa*.

60. Quando a um radical, ou a um vocábulo, começados por *s*, se acrescenta um prefixo terminado em vogal, duplica-se o *s* se ele se profere surdo, escreve-se simples, se é pronunciado sonoro; ex.: *assistir*, *assombrar*, *assumir*, *resurgir*, *pressentir*; mas *residir*, *presente*, *resumir*, *resignação*, *presunção*, etc.

61. O *s* final de sílaba, seja como fôr proferido, escreve-se com *s*; ex.: *custa*, *cesta*, *resma*, *abismo*, *hóspede*, *fosco*, *balaustre*, *lustre*, *musgo*, *mesquita*.

62. O *s* final de sílaba, em monosílabos e em polisílabos que tenham como predominante a última sílaba, alterna com *z*, correspondendo, porém, sempre a *s* latino, e permanece ainda quando, pela derivação ou flexão do vocábulo, se lhe acrescenta uma sílaba, de que fica sendo inicial; ex.: *português*, *portuguesa*, *portugueses*, *cortês*, *corteses*, *cortesia*, *atrás*, *vés* (verbo), *vós*, *nós*, (pronomes), *pus*, (substantivo e verbo), *pôs* (verbo) *pós*, (substantivo), *pusera*, *puser*, *pusesse*, etc. Em um único vocábulo arábico, *rês* é o *s* final árabe representado por *s*, como em castelhano (*res*).

A consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável, e muito favorece o acerto na escrita a comparação com as correspondentes formas castelhanas.

63. O *s* inicial surdo é seguido de *c* nos seguintes vocábulos e seus derivados: *scena*, *scetro*, *scéptico*, *scelerado*, *sciente*, *scisma*, *scintilla*, *scisso*, *scissura*, *scissiparo*, *sciático*, e um ou outro mais pouco usados.

64. *t*: o *t* nunca se duplica, expressa constantemente o mesmo som, e substitui em todos os casos o *th* etimológico; ex.: *ter*, *atitude*, *meter*, *teatro*, *patológico*, *simpatia*, *etnografia*, etc.

65. *u*: Esta letra expressa sempre o mesmo som, mais ou menos atenuado antes e depois de vogal, como elemento fraco nos ditongos; ex.: *tu*, *pueril*, *auto*. Antes de vogal, alterna, átono, com *o* nas mesmas condições e só a analogia e a etimologia dos vocábulos decidem da escrita correcta; ex.: *suar* (e *soar*), *muar*, *rutna*, etc. Depois de consoantes alterna igualmente com *o* átono; ex.: *mural*, de *muro*, a par de *moral* do lat. *m o r e s*; *tunante*, de *tuna*, *tonante*, do lat. *t o n a n t e m*.

66. *ú*: Representa esta letra acentuada o *u* tónico, quando as regras de acentuação gráfica o exigem; ex.: *único*, *núncio*, *saúde*, *útil*, *argúi*.

67. *ù*: O *u* com acento grave indica não fazer ditongo com a vogal anterior, sendo átono; ex.: *saudar*. Designa também o *u* proferido dos grupos *qu*, *gu*; ex.: *arguir*, *frequente*.

68. *x*: Esta letra tem cinco valores no idioma commum e literário; são os seguintes:

- 1° Como inicial—*xadrez, caixa.*
- 2° Como *ss*—*auxílio, próximo.*
- 3° Como *s*—*mixto, Félix.*
- 4° Como *cs*; *cx*—*fixo, secco; córtex, sílex.*
- 5° Como (*e*) *is*—*exame, exito, texto.*

Nas palavras de origem arábica, e quando é inicial, tem sempre o primeiro valor; ex.: *xabouco, axorca, xarope, elixir; Xerxes, Xenofonte, etc.*

69. Além desta multiplicidade de valores, alterna, com relação ao primeiro, com o grupo *ch*, o qual, como já se disse, representa *cl, fl, pl*, latinos; assim, temos: *xá* (rei) e *chá* (planta), *xegue* (regedor) e *cheque* (bilhete de banco), *buxo*, lat. *b u x u m* (planta), e *bucho*, lat. *m u s c' l u m* (estômago e musculo).

A consulta ao VOCABULÁRIO é indispensável para o emprêgo de qualquer destes dois símbolos, actualmente equivalentes no valor.

70. *z*: Como inicial, ou depois de consoante expressa o mesmo som que se ouve em *zelo, azeite, zurzir*. Os vocábulos formados com o prefixo *trans-*, e a palavra *obséquio* e seus derivados, todavia, escrevem-se com *s*, que representa *s* latino, como em *transir, trânsito, transacção.*

71. O *z* entre vogais corresponde a *z, a ti, e a ce, ci* latinos, como em *baptizar, razão, fazer, vazio*, e nisto se differença do *s* entre vogais, que a *s* latino corresponde. Os sufixos *-izar, -izante, etc.*, escrevem-se sempre com *z*, como em *anarquizar, judaizante; analisar, porém, porque provêm de análise, tem s e não z; horizonte z e não s.* Em palavras de origem arábica é *z* e não *s* que se escreve; ex.: *azarola, azeite, azougue.* O sufixo *-eza*, como proveniente de *-itia* latino, tem *z*; mas das *ansa, ensa*, latinas, procedem os vocábulos e as formas *asa, defesa, presa, etc.*

O recurso ao VOCABULÁRIO é de necessidade para os casos duvidosos, como o é para a hipótese seguinte:

72. O *z* final de palavra cuja última sílaba seja a predominante, bem como o de vários monossílabos, alterna com *s*, e tem o valor deste no idioma literário e comum.

Deve ter-se em atenção que o *s* corresponde sempre *s* latino, e o *z* a *c* latino e a *ss* ou *zz* árabicos; assim teremos; *luz, voz, falaz, feliz, atroz, vez, capuz, faz, fêz*, de origem latina, *algoz, alcatruz, albornoç*, de origem arábica; a única excepção é *rês*, como já se disse.

73. Nos patronímicos as terminações *es, s*, conquanto provenientes de *ici* latino, escrever-se-hão com *s*, porque na sua maioria o sufixo português é átono; ex.: *Rodrigues, Nunes, Gonçalves, Dias; Martins, Miguelis; etc.* Semelhantemente, é substituído por *s* um antigo *z* final de sílaba, como em *mesquinho, mesquita, visconde, etc.*

74. *k, w, y.* Estas três letras, proseritas do abecedário português, somente são admitidas na escrita de vocábulos estrangeiros, como *Kant, Darwin, Byron*, e nos seus derivados portuguezes, como *kantismo, darwinismo, byroniano*, que podem todavia ser escritos *cantismo, daruínismo, baironiano.*

75. Escrever-se-hão iniciais maiúsculas em meio de períodos ou orações gramaticais, nos seguintes casos:

- a) Nomes proprios de pessoas ou lugares, ruas, etc.;
- b) Nomes colectivos designando cargos, em substituição das pessoas

que os desempenham; ex.: *Estado, Govêrno, Companhia das Águas, Centro Commercial, Patriarcado, Cúria*, etc.:

c) Individualidades que exercem importantes cargos: *Ministro da Marinha, Presidente, Juiz*, etc.;

d) Repartições publicas: *Direcção Geral das Colónias, Ministério da Guerra*, etc.

e) Nomes de astros, divindades: *Vénus, Terra, Sol*, etc.

f) Nomes dos meses, nas datas;

g) Títulos de livros, excepto as particulas monossilábicas, que se escreverão em minúsculas.

76.—HIFEN. (-).

Este sinal prende os vocábulos compostos, quando os seus elementos, conservando a acentuação própria, perdem em parte a sua significação primordial; ex.: *mãe-d'água, porta-bandeira, água-forte, franco-russo, madre-pérola*, etc.

77. O hifen une tambem os pronomes complementos átonos aos verbos de que dependem, quando são collocados depois dêstes; ex.: *dou-te, dou-to, dá-mo, louvá-lo, louva-lo, louvam-no, louva-o, tenho-o, tem-lo, tem-no, dáva-mo-vo-lo, deram-se, deu-se-lhes*, etc.

78. Quando, em fim de linha, se parte um vocábulo inteiro, parte-se igualmente o hifen, isto é, repete-se na linha seguinte, se unia os elementos de uma dição composta; ex.: *porta-voz, dou--to*.

79. O hifen (-), com o nome de linha divisória, separa, de uma para outra linha, as sílabas de uma palavra; ex.: *pas-/ta, do-/res, ve-/zes, parti-/cular, di-/gnidade, subs-/tância*.

80—PONTOS DE INTERROGAÇÃO (?) E EXCLAMAÇÃO (!).

A imitação da ortografia espanhola, é conveniente assinalar com êstes pontos o principio de uma oração interrogativa ou exclamativa, invertendo-os, todas as vezes que ela excede quatro ou cinco palavras, para que essa oração seja logo devidamente entoada; ex.: Quando soubeste que a tua familia chegava de fóra hoje?

81—ACENTUAÇÃO GRÁFICA.

A rigorosa acentuação gráfica das palavras portuguezas deve satisfazer ás condições seguintes:

1.^a Indicar, com a maior segurança para quem lê, quais são os vocábulos átonos e quais os tónicos, e nestes qual seja a sílaba predominante, quando tenham mais de uma;

2.^a Diferençar entre si vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, mas divergem na pronúncia e na significação, ou função gramatical.

82 Os vocábulos portuguezes são: de uma sílaba, monossílabos; de duas sílabas, dissílabos; de mais de duas sílabas, polissílabos. ex.: *pá, para, parada*.

83. Há nos monossílabos e dissílabos vocábulos tónicos, *dá, pára*, e vocábulos átonos, *da, para*.

84. Os dissílabos tónicos podem ter como sílaba predominante a primeira, *mares*, ou a segunda, *marés*; os polissílabos podem ter como predominante a última, *falará*, a penúltima, *falára*, ou a antepenúltima, *faláramos*. Os vocábulos cuja última sílaba é a predominante denominam-se agudos ou oxítonos; se a sílaba predominante é a penúltima, dizem-se graves

inteiros, ou paroxítonos; se a predominante é a antepenúltima, recebem o nome de esdrúxulos, ou proparoxítonos.

85. Nenhum vocábulo português, de per si, pode ter como sílaba predominante qualquer outra antes da antepenúltima, conquanto haja dições formadas por linguagens verbais acompanhadas de pronomes, a elas unidos por hífen (-), em que a sílaba predominante, que é a da forma verbal, fica sendo a quarta ou a quinta a contar do fim; ex.: *dávamos-te, dáva-mo-lo*. Tais dições em nada modificam na escrita a acentuação gráfica da forma verbal, a qual permanece.

86. A sílaba tónica, quando se torna necessário indicá-la na escrita, assinala-se com o acento agudo (´) sobre a vogal dominante dela, se esta é *a, e, o*, abertos, *i, ou, u*; com o acento circunflexo (ˆ), se é *a, e, o* fechados. O til (˜) vale por acento tónico, se outro não está marcado no vocábulo; ex.: *fará, maré, portaló, difícil, útil; câmara, mercê, avô, ânsia, indulgência, brônzeo, fímbria, núncio; varão, maçã, capitães; órgão, órfã; muncipe*.

87. Outro acento, o grave (˘), serve, para designar, quando seja necessário ou conveniente á correcta pronunciação de um vocábulo ou forma verbal, o valor alfabético de qualquer das vogais *a, e, i, o, u*, independentemente de serem tónicas, e principalmente quando o não são; ex.: *pégada, môlhada, fãiscar, saúdar*.

88. Estabelecidas estas premissas, pode preceituar-se uma rigorosa acentuação gráfica, inteiramente sistemática, a qual, sem ser profusa ou ociosa, deixe bem patentes os factos apontados, quer seja expressa, quer omissa a sua notação.

89—VOCABULOS NÃO ACENTUADOS GRAFICAMENTE

a) Monossílabos e dissílabos átonos: *o (s), a (s), lo (s), la (s), no (s), na (s), do (s), da (s), pelo (s) pela (s), polo (s), pola (s), me, mo (s), ma (s), te, to (s), ta (s), lhe, lhe (s), nos, no-lo (s), no-la (s), vo-lo (s), vo-la (s), lho (s), lha (s); se, de, por, sem, sob, com, nas, que, porque, tam* (abreviação de *tanto*), *sam* (abreviação de *santo*), *grã* (abreviatura de *grande*), etc.

b) Monossílabos tónicos terminados em *em, ens; bem, bens, tem, tens, cem*.

c) Formas verbais em *am, em*, com a penúltima sílaba como predominante, e substantivos dissílabos e polissílabos em *em, ens*, nas mesmas condições: *louvam, louvaram, louvem, contem* (do verbo *contar*); *viagem, viagens, ferrugem, ferrugens*, etc.

d) Monossílabos e dissílabos tónicos, e polissílabos, terminados em *i, u*, vogal nasal, ditongo, seguidos, ou não de *s*, e os terminados em outra qualquer consoante, todos eles oxítonos: *vi (s), javali (s), peru (s), lâ (s), maçã (s), sai (s), arrais, mau (s), sarau (s); som, sons, atum, atuns; mar, der, ser, dor, mal, canal, painel, funil, farol, azul; mão (s), varão, varões, cruz, Artur*, etc.

e) Os dissílabos e polissílabos terminados em *(as), e (s), o (s)* cuja penúltima sílaba seja predominante; ex.: *casa (s), camada (s), modo (s), devo-to (s), lume (s)*, etc.

Estas espécies comprehendem a maioria dos vocábulos portugueses, incluindo-se também nelas as mais das formas verbais, como *louvo, louva (s), louves, louvava, (s), louvara (s), louvaria (s), louvares, louvarei (s), cantar, cantai, fazer, fazei, fazendo, sentir, sentirão, sentis*, etc.

90—VOCABULOS ACENTUADOS GRAFICAMENTE

a) Monossílabos, dissílabos e polissílabos terminados em *a (s), e (s), e o (s)*, como sílaba predominante, isto é agudos, oxítonos; ex.: *pá (s), sé (s)*,

vê /s/, mês, pó /s/, fará /s/, maré /s/, mercê (s), avó (s), avô (s), alvará (s), jacaré (s), português, portaló (s), etc.

b) Dissílabos e polissílabos terminados em *em*, *ens*, cuja sílaba predominante seja a última; ex.: *vintêm*, *armazêm*, *vintêns*, *armazêns*, *contêm*, *contêns*, (do verbo *conter*), *porêm*, *Jerusalêm*, *Belêm*, etc.

c) Dissílabos e polissílabos terminados em *i*, *u*, vogal nasal, ditongo, seguidos, ou não de *s*, ou em outra qualquer consoante, quando a sílaba predominante seja a penúltima; ex.: *quási*, *Vénus*, *órfã* (s), *órfão* (s), *louváveis*, *louváveis*, *fácil*, *fáceis*, *têxtil*, *têxteis*, *cônsul*, *sável*, *saveis*, *cadáver*, *éter*, *mártir* *sóror*, *alcácer*, *Sófar*, *açúcar*, *gêrmen*, *líquen*, *Félix*, *córte*, *sílex*, etc.

d) Os ditongos, sempre tónicos, *êi*, *éu*, *ói*, com *e*, *o*, abertos; ex.: *reís*, *bateís*, (cf. *reis*, *bateis*), *véu* (s), *chapéu* (s), *sóis*, (cf. *sois*, verbo), *roís*, *herói* (s), *jóia*, *gibóia*, etc.

e) O *a* da terminação *âmos* da 1ª pessoa do plural do pretérito, para a differença de igual pessoa do presente; ex.: *louvâmos*, (cf. *louvamos* = *louvâmos*).

f) Os seguintes monossílabos e dissílabos tónicos, para se differença-rem de outros homógrafos átonos: *quê*, *porquê*, *pôr* (cf. *por*, preposição); *pára* (cf. *para*, preposição); *pêra*, *pêra*, (cf. *pera*, *p'ra*, preposição), *pêla*, *pêlo*, *pêlo*, (cf. *pelo*, *pela*, preposição *per*, e artigo *lo*, *la*) *pólo*, (cf. *polo*, preposição *por* e artigo *lo*).

g) Todos os vocábulos esdruxúlos, isto é, que tenham como sílaba predominante a antepenúltima; ex.: *prática*, *ânimo*, *ânsia*; *tísico*, *tirocínio*, *fimbria*; *próximo*, *próprio*, *antimónio*; *lóbrego*, *brônzeo*; *úbere*, *lúgubre*, *único*, *núncio*; *cadáveres*, *árvores*, *múltiplice* (s), *múltiplo* (s), *quádruplo* (s) *fêrvido*, *gênero*, *gênio*, *gêmeo*; *pêssego*, *jêmea*, *concêntrico*, etc.

Assim também as formas verbais esdrúxulas, tais como *louvávamos*, *louváramos*, *louvaríamos*, *devíamos*, *devêramos*, *deveríamos*, *puniâmos*, *punirâmos*, *louvássemos*, *devêssemos*, *puníssemos*, *saissemos*, *fizêssemos*, etc.

h) Marcam-se com acento circunflexo os *ee* e os *oo* fechados de vocábulos paroxítonos terminados em *a* (s), *e* (s), *o* (s) fechados, quando haja outros, escritos com as mesmas letras, em que essas vogais sejam abertas; ex.: *rêgo*, *rôgo*, substantivos, a par de *rego*, *rogo*, verbos; *dêmos*, presente, a par de *demos*, pretérito; *sêde*, *côrte*, *côr*, *mêdo*, a par de *sede*, *corte*, *cor*, *medo*, com *e*, *o* abertos, etc.

i) Marcam-se com o acento agudo (✓) o *i* e o *u* tónicos que não formem ditongo com a vogal anterior; ex.: *país*, *saida*, *faisca*, *Yaigeto*, *saúde*, *balaústro*, *baú*, etc.

j) Se o *i* ou *u*, que não formam ditongo com a vogal precedente, é átono, em vez do acento agudo pode usar-se o grave (✓); ex.: *saimento*, *paisagem*, *saúdar*, *abaúlado*;

l) O acento grave designa também o *u* dos grupos *qu*, *gu*, se é proferido; ex.: *conseqüência*, *agüentar*, *argüir*. Muda-se em agudo se êsse *u* é a vogal predominante, *argüi*; cf. *argüi*, pretérito;

m) Emprega-se igualmente o acento grave para denotar que *a*, *e*, *o*, átonos são abertos, quando haja homógrafos em que êles sejam surdos; ex.: *à* e *a*; *àquele* (s), *àquela* (s), *aquele* (s), *aquela* (s); *àparte*, substantivo, e *aparte*, verbo; *prégar*, e *prégar*, de *prego*; *môlhada*, de *molho*, e *molhada* de *molhar*.

91.) O acento distintivo (✓), que assinala as vogais fechadas *ê*, *ô*, só tem aplicação, tanto nos monossílabos, como nos dissílabos e polissílabos, se existe homógrafo, isto é vocábulo escrito com as mesmas letras, de que ha-
a de differença-se; pode portanto omitir-se em *dor*, *cera*, *posso*, por exem-

plo, porque não existem as palavras *dôr*, *cêra*, e *pôssô*, verbo, já se diferencia, de *poço* em escrever-se com *ss*.

92. Semelhantemente, a acentuação gráfica omite-se logo que, pela flexão dos vocábulos, deixam de existir as condições que a determinaram. Dêste modo, se temos de acentuar graficamente *sêco*, *sêca*, *lôgro*, para diferenciar das correspondentes formas verbais *seco*, *seca*, *logro*, com *e*, *o* abertos, a acentuação torna-se inútil no plural daquelles nomes masculinos, *secos*, *logros*, mas terá de manter-se em *sêcas* em razão da forma verbal *secas*. Assim também, escreveremos *vaidoso* (s), *vaidosa* (s), sem sinal de acento no *o* da penúltima sílaba, conquanto a pronúncia seja *vaidôso*, *vaidôso(s)*, *vaidôsa* (s). Outro tanto sucederá em relação ao *o* aberto de vários substantivos no plural, correspondente a *o* fechado no singular; assim teremos *tejolo* (*tejólo*), *tejolos* (*tejólos*), sem acento gráfico, mas *trôco*, *trocos* e *troco*, verbo.

As palavras espôso, espôsa (s), terão acento marcado em virtude de existirem as formas verbaes *esposa*, *esposa* (s), com *o* aberto; mas o plural *esposos* dispensa a acentuação por não haver homógrafo a diferenciar. Escreveremos *pôr*, com acento circunflexo, para o diferenciar de *por*, preposição; porêem *dispor*, *propor*, *expor*, etc, ortografam-se sem acento distintivo; *português*, *cortês* tem acento circunflexo no *e* por êste pertencer á ultima sílaba, predominante; em *portugueses*, *portuguesa* (s), *corteses* omite-se o acento por ser desnecessário, visto os vocábulos haverem passado de oxítonos a paroxítonos em-esa (s) ese (s).

Por outra parte, *árvore* (s) terá acento marcado, por ser esdrúxulo, *arvore* (s), verbo, não o tem por ser paroxítono em *e* (s).

93. A conjugação de um imperfeito ou condicional de verbo, como *louvaria*, *deveria*, *puniria*, *louvara*, *devia*, *punia*, receberá acento nas formas esdrúxulas *louvaríamos*, *louvávamos*, *deveríamos*, *devíamos*, *puniríamos*, e nas paroxítonas terminadas em ditongo, *louvávíeis*, *louvaríeis*, *deveríeis*, *deveríeis*, *puniríeis*, mas *saía* te-lo-há em todas as pessoas do imperfeito, *saía*, *saías*, *saía*, *saíamos*, *saíeis*, *saíam*, porque o *i* não forma ditongo com o a que o precede.

94. Os nomes próprios acentuam-se graficamente como os nomes comuns; assim escreveremos *Pôrto*, como *pôrto*, diferenciado de *porto*, verbo; *Setúbal*, *Pontével*, *Pedrogão*, *Antônio*, *Tomás*, *Tomé*, *Nazare*, *Belém*, *Agueda*, etc. E' em virtude desta regra que teremos de acentuar a forma verbal *lêmos*, para que se diferencie de *Lemos*, na escrita, como se diferencia na pronúncia.

95. Os vocábulos compostos cujos elementos são unidos por hífen (-), conservam os seus acentos gráficos; ex.: *mãe-d'água*, *pará-raios*, *vesa-papéis*.

O mesmo se observará com os advérbios formados com o sufixo *mente*, dante o independente, como substantivo que era, o que ainda se reconhece na locução *de boa mente*; ex.: *sômente*, *cortêsmemente*, *rápídamente*, *cris-tãmente*.

96. Nos vocábulos derivados, aumentativos e diminutivos formados com o infixos *-z*, o acento agudo converte-se em acento grave, para que se evitem leituras errôneas; ex.: *màzinha*, *màzona*; *avô*; *avôzinha*.

A. R. Gonçalves Viana,

RELATOR.

NOTA—No artigo A LINGUA PORTUGUESA, do nosso presado collaborador Ferreira dos Santos, inserto no presente número á pag. 412, as vogaes com trema substituem as que no original se encontram com til.

O Dinheiro

O dinheiro é tão bonito,
 Tão bonito, o maganão!
 Tem tanta graça o maldito,
 Tem tanto chiste o ladrão!
 O fallar, falla de um modo . . .
 Todo elle, aquelle todo . . .
 E ellas acham-no tão guapo!
 Velhinha ou moça que o veja,
 Por mais esquiva que seja,

Tlim!

Papo.

N'essas espécies de exames
 Que a gente faz em rapaz,
 São milagres aos enxames
 O que aquelle demo faz!
 Sem saber nem patavina
 De grammática latina,
 Quer-se um rapaz d'alli fóra?
 Vae elle com taes fallinhas,
 Taes gaifonas, taes coisinhas . . .

Tlim!

Ora . . .

Aquella physionomia
 E lábia que o demo tem!
 Mas n'uma secretaria
 Ahí é que é vel-o bem!
 Quando elle de grande gala,
 Entra o ministro na sala,
 Aproveita a occasião:
 «Conhece este amigo antigo?
 —Oh meu tão antigo amigo!

Tlim

Pois não!

Fazer com que, cumprir com, etc.

Tive o proposito de não responder ao ultimo artigo do sr. Th. Rodrigues; mas, sendo minha a iniciativa da controversia, estou obrigado a um pequeno troco.

Surprehendeu-me devéras o tom que ousou, á falta de argumentos, para justificar a proscricção das locuções *fazer com que, cumprir com, etc.*

No artigo que me suggeriu a *Contestação de alguns suppostos quinaus grammaticaes do sr. Th. Rodrigues*, disse o seu auctor que era incrivel que um grammatico (referia-se ao sr. Verissimo Vieira) dêsse a um verbo transitivo directo, como é e sempre foi o verbo *fazer*, um objecto ou complemento regido de preposição, quando não se tratasse de um caso emphatico!

Justamente admirado de que, versando uma questão assás discutida, não citasse ao menos um grammatico ou philologo que a estudasse, e em especial, por dever de lealdade, um que fôsse contrario ao seu parecer,—ousei lembrar-lhe o que diziam a respeito Ruy Barbosa e Heraclito Graça.

Com effeito, esses dois insignes mestres de portuguez provam com os classicos em punho que sempre, desde os tempos primeiros da lingua até o presente, se empregou a miúdo a locução, — *fazer com que* em cncorrencia com a outra — *fazer que*.

Espantou-se o sr. Th. Rodrigues de que lhe referisse eu que, segundo pensa Ruy Barbosa, a locução — *fazer com que* se rege por uma ellipse. *Fazer com que*, isto é, *fazer de modo com que*, ou *de maneira com que*. E pergunta pelo objecto directo desse verbo no seguinte periodo: *A falta de vento fez de modo com que muitas embarcações ficassem por largo tempo immoveis nas aguas tranquillias da bahia.*

E' evidente que se trata de um caso muito curioso de obsessão do objecto directo...

Pois quando o verbo muda de regencia, não difere a analyse da oração em que está?

Diz-me que fique com os meus *fazer com que, cumprir com o seu dever* e OUTRAS COISAS MAIS, que elle vae muito bem com as fórmas *fazer que, cumprir o seu dever, etc.*

Mera questão de sympathy, respondo, porque o sr. Th. Rodrigues não quiz ou não poude provar que essas locuções attentam contra as regras da syntaxe. Emquanto não o fizer, não tem o direito de exigir submissão ao seu voto.

Não basta o exemplo que apresentou do grande philologo portuguez Gonçalves Vianna, cuja auctoridade é por todos os titulos respeitavel. O que basta, são argumentos, á luz dos quaes se prove em discussão séria e conveniente que a locução *com que* é incorrecta e fére de morte a syntaxe; porque os exemplos de ambas as construcções são numerosissimos.

Os *Factos da linguagem* e a *Réplica* nol-os deparam ás dezenas. E Heraclito Graça mostra que a locução conjunctiva *com que* existe na lingua e é legitima. Assim tanto é correcto dizer-se *fazer que* como *fazer com que*.

Continúa o sr. Th. Rodrigues: «Quem estuda, quem faz» «a cultura séria da lingua que fala, não acceita incondicional-» «mente o facto linguistico que lhe é apresentado. Examina-o,» «critica-o, submette-o aos processos da analyse e, se esta não» «o resolver, fica elle considerado uma *anomia* grammatical,» «ou uma frase feita.»

«O caso do *fazer com que* não é uma anomalia e nem» «uma frase feita, porque tem uma solução precisa.»

Ainda bem que é o proprio sr. Th. Rodrigues quem o reconhece. Ha sem duvida uma solução precisa para o caso: variou com a regencia do verbo a maneira da analyse.

A disputa resumia-se, a meu ver, em saber se a locução *com que* existia na lingua e se era legitima. Demonstrou-o lucidamente Heraclito Graça. Portanto, no artigo em que pela primeira vez apreciei a questão, me cabia apenas fazer o que fiz: chamar a attenção do sr. Th. Rodrigues para os *Factos da linguagem* e para a *Réplica*, que tambem a considera.

Vem isto a pêlo, porque *elle não come, porque vê outro comer, nem bebe, porque vê outro beber*.

Não logrei ouvil-o discorrer sobre o caso em que se usa *por emphase* a preposição. Será nos que apontei?

Dando por terminada esta breve resposta, penitencio-me publicamente de ter-me atrevido a contradizer o sr. Th. Rodrigues, laureado cultor da lingua em que se exprime.

Viva a Escola!

Viva a Escola, onde aprendemos,
viva a Escola, que é tambem
uma outra boa Mãe
que todos temos !

Na Escola se aprende a ler
e, sem ler, nada se é.
E aqui vimos aprender
o A B C !

Viva a Escola, onde aprendemos,
viva a Escola, que é tambem
uma outra boa Mãe
que todos temos !

Aqui na Escola aprendemos
a amar a Patria gloriosa,
que está a espera, anciosa,
do que faremos !

Viva a Escola, onde aprendemos,
viva a Escola, que é tambem
uma outra boa Mãe
que todos temos !

De aqui nasce o Sol que avança
numa aurora de alegria.
Só de aqui nasce a esperança
d'um grande dia !

Viva a escola onde aprendemos,
viva a Escola, que é tambem
uma outra boa Mãe
que todos temos !

Diva a Escola!

Alegre

mf Vi-va a Es-co-la, onde apren-de-mos, vi-va a Esco-la, que é tam

Fim. Uma voz

-bem u- ma ou-tra bô-a Mãe que to-dos te- mos! Na Es-co

Menos vivo

la se a-prende a lêr e, sem lêr, na- da se é. E a-qui

vi- mos a- pren- der o A B C!

D. C.

Hygiene escolar

Pretenderia occultar uma verdade, aquelle que, visitando e observando convenientemente os estabelecimentos de instrucção do Estado, não reconhecesse que no Pará, já se ha introduzido alguma cousa util e proveitosa ao ensino publico primario, no dominio da pedagogia moderna.

Quem, como nós, no desempenho do cargo de inspector escolar, com que a honrosa e captivante confiança do exm. sr. dr. Governador distinguiu a obscuridade do nosso nome para confiar-lhe a investidura d'essa elevada missão, ha, nestes poucos mezes de exercicio, examinado os estabelecimentos escolares, com olhos investigadores, póde já expender uma opinião.

Não se póde deixar de reconhecer que, si nos falta ainda muito aperfeiçoamento, já havemos conseguido um avanço apreciavel, sob o ponto de vista da methodisação do ensino primario e do modo mais racional de ministrá-lo às creanças, na sua phase elementar.

Podemos dizer que o ensino primario, sob o methodo actual, já se acha nos grupos escolares da capital, regularmente encaminhado para a execução bem approximada do programma vigente, por parte do corpo do professorado de quem depende, incontestavelmente, a immediata ou tardia colheita dos resultados promittentes de sua adaptação.

Consequentemente, já ha alguma cousa obtida nesse sentido. Por isso mesmo, é necessario o seu proseguimento, vigilantemente, ininterrupto para que, nos annos subsequentes, seja colhido um resultado o mais homogeneo possivel pelos successivos aperfeiçoamentos reclamados na pratica.

Para esse desiderato, entendemos nós, deve voltar-se sollicitamente a attenção do operoso corpo do professorado paraense, que tem a responsabilidade de seu nome ligado pelo vivaz compromisso publico inherente ás funcções do magisterio, ao desenvolvimento moral e intellectual da infancia que se acha, sob seus cuidados, matriculada nos estabelecimentos de ensino que lhe são entregues e confiados, concomitantemente, pelos paes e pelo Governo.

Já que aqui, em Belem, podemos defrontar a regularidade

do accionamento, a que alludimos, em materia de ensino nos grupos escolares, urge que, ao lado d'esse impulso proficuo, devido ao esforço exclusivo do pedagogo, venha em seu auxilio a collaboração efficaz da hygiene escolar, indispensavel á pedagogia moderna que, sem aquella, ha de lutar com difficuldades inaccessiveis para apresentar um resultado satisfactorio.

Para quem tem assegurado, como o Pará, a justa tradição de curar com disvêlo de sua instrucção publica, na qual applica a maior parte de sua receita orçamentaria, não poderá nunca em face dos preceitos exigidos pela pedagogia moderna, elevar-se até o nivel do adiantamento real em que se encontra a instrucção primaria nos Estados europeós e em alguns da America.

E' tempo já de atacarmos resolutamente o problema da hygiene escolar, agora, neste momento em que um influxo novo do progresso das idéas, sob a acção do methodo ora adoptado para o ensino primario, parece animar de energia e orientação novas a dedicada classe do professorado publico.

Precisamos, assim, fornecer-lhe todo o material necessario para o exito, cada vez mais completo, de um resultado perfeito.

E um dos elementos basicos para o aperfeiçoamento harmonico do conjuncto ambicionado, nos é fornecido pela medicina escolar.

O inspector escolar precisa ter a seu lado o medico escolar.

A grave responsabilidade do inspector na elevada missão que lhe compete,—uma vez que a compreenda e queira desempenhal-a convenientemente—,só effectivar-se-á mediante a intervenção do hygienista alliada á acção do professor.

O medico não vem desviar a acção intelligente do professor; ao contrario, vem auxiliial-a, dar-lhe força e completal-a. A adaptação da cultura das faculdades intellectivas da creança pela capacidade physica individual, será tanto mais facil de operar-se quanto mais identificado fôr o accordo entre o professor e o medico escolar na simultanea collaboração activa de ambos para a obra commum.

Em todos os paizes que curam seriamente da instrucção de seu povo, dando-lhe escolas, é hoje o medico escolar reclamado como um collaborador indispensavel do governo, que vem facilitar a tarefa tão pesada do professor e melhorar as condições de saude do alumno.

O medico é que melhor pode conhecer e reclamar em um dado edificio e suas dependencias onde funccionem as aulas, as condições de capacidade cubica, as de penetração do calor solar, ventilação e claridade, decorrentes da situação da casa e da abertura das janellas nas salas de aulas, assim como desentbarçar a classe, de um alumno que por uma enfermidade ou outra rasão qualquer, não póde acompanhar com proveito as lições de sua turma, facilitando, d'esse modo, extraordinariamente, o papel do professor.

A creança, mais que o adulto, é susceptivel de contrahir numerosas affecções. No meio escolar, a agglomerção é um elemento favoravel á propagação de tantas molestias, além da scoliose e da myopia, que se podem desenvolver si o medico não estiver a tempo.

E' uma necessidade palpitante.

Em nossas visitas a algúmas das escolas, já temos notado a presença de creanças cuja physionomia morbida está a exigir a intervenção medica, para livrar a tempo a classe inteira de um provavel contagio imminente.

Não havendo invasão de attribuições, estamos certo de que colheremos resultados fructuosos com a adopção d'esse reclamo inadiavel para o progresso gradativo e consciente do nosso ensino publico primario.

O medico escolar deve limitar-se ás suas attribuições e e nunca immiscuir-se nas do pedagogo, porquanto a este incumbe a cultura das faculdades intellectuaes e áquelle cabe a vigilancia do desenvolvimento physico, dos alumnos.

Sob este criterio, os paizes que, ha tempos, vêm adoptando a manutenção d'esse importante collaborador do ensino primario, hão colhido os mais evidentes resultados.

Na França, o primeiro projecto da criação do medico escolar é de 26 de junho de 1793, apresentado á Convenção por Sieyès, Daunou e Lakanal, mas só veiu a ser propriamente organizado, em Paris, pelo Conselho Municipal, o serviço da inspecção medica das escolas pela lei de 13 de junho de 1879, que, posteriormente, foi regulamentada e refundida para ser approvada, definitivamente, pela de 15 de dezembro de 1883 que é a que vigora até hoje.

Paris foi dividida em 126 circumscripções medicas.

Cada medico ficara encarregado da inspecção de 15 a 20 classes, no maximo, devendo visitar duas vezes, por mez, as es-

colas de sua zona e tantas quantas fossem requisitadas pelo professor ou pelo governo.

Na Allemanha, já em 1835, uma lei prescrevia a retirada, da escola, dos meninos attingidos de molestias contagiosas, mas em 1892, Leipzig crêa os primeiros médicos escolares.

Em 1897, Wiesbaden, regulamentou uma tal organização de inspecção medica nas escolas, que foi a adoptada por muitas cidades allemães, a ponto de, actualmente, os medidos escolares formarem, ali, uma corporação tão numerosa, que se reune periodicamente em uma cidade, previamente determinada, para a permuta de idéas sobre o que ha feito e o que é necessario introduzir para o aperfeiçoamento do serviço.

Cada medico escolar apresenta um relatório annual.

Esses relatorios são remetidos ao mais antigo dos medicos escolares, a quem incumbe redigir o relatório geral destinado a ser submittido á apreciação do governo.

Berlim possui 44 medicos escolares com um medico-chefe.

A Inglaterra estabeleceu pela lei de 1 de janeiro de 1908, a instituição do medico-escolar, regulando suas attribuições e deixando esse serviço a cargo dos officiaes da repartição de saude publica.

A Dinamarca possui um serviço medico-escolar bem organizado com vaccinação obrigatoria, assim como a Suecia; em ambos esses paizes se acha funcionando com perfeita regularidade.

Na propria Russia, já ha em Moscou e São Petersburgo, o serviço medico-escolar adoptado nas escolas communaes.

Na Austria, o medico da saude publica cujas attribuições são amplas, tem as escolas debaixo de sua inspecção, o que não impediu de, em algumas cidades, já haver sido organizado um serviço independente.

A Roumania e a Servia teem uma inspecção medico-escolar completa e funciona a contento de todos.

Em Portugal, a inspecção sanitaria escolar foi estabelecida em 1902, estando, hoje, todas as escolas publicas submettidas á visita do medico-escolar.

Nos Estados Unidos, em Nova-York, a inspecção medica creada em 1897, foi reorganizada em 1902.

Ella compreende 300 medicos. Cada medico tem a seu cargo 3 escolas, que deve visitar diariamente, para examinar

os alumnos reconhecidos doentes pelo professor e, mais, deve de 3 em 3 dias proceder á visita pessoal do alumno que foi recolhido á casa para tratamento.

A cidade de Boston possui 55 medicos-escolares.

Na Republica Argentina, esta inspecção é bem organizada, principalmente em Buenos-Ayres.

No Chile, cada medico é obrigado a visitar as escolas da zona que lhe compete, pelo menos, uma vez por mez.

No proprio Egypto, na cidade de Cairo, o serviço da hygiene escolar é entregue a 3 medicos especialistas que se occupam exclusivamente nas visitas ás escolas, não lhes sendo permittido distrair-se em outros misteres.

No Japão, a inspecção do medico ás escolas acha-se disseminada por todo o imperio. Em 1903 havia, ali, 4.582 medicos escolares.

Na Suissa, onde tantos compatriotas nossos preferem que seus filhos aprendam, ali, varia a inspecção medica conforme os cantões.

Lausanne é a primeira cidade da Suissa que, graças ao devotamento do dr. Joell, organisou seriamente a inspecção ás escolas.

Genebra possui desde 1888 doze medicos escolares.

Em Bâle e em Zug a inspecção medica usa fazer a classificação dos alumnos conforme a altura, o estado dos olhos e dos ouvidos.

Em Neufchatel, o serviço é igualmente realisado de modo irrepreensivel.

Estivemos, ainda em Janeiro d'este anno, na Europa, onde visitamos alguns cantões da Suissa e a bella cidade de Bruxellas que, incontestavelmente, dá á Belgica o relevo de um grande centro de cultura scientifica e industrial e que possui todos os aperfeiçoamentos materiaes, intellectuaes e moraes da civilisação mundial.

Na attenta observação, em que por ali nos detivemos, sob o ponto de vista da instrucção publica, na Europa, assumpto que sempre nos interessou, pudemos confrontar e concluir, do que vimos na Suissa e na França, que Bruxellas, em materia de inspecção medica e higienica das escolas, chegou a um gráo tal de relativa perfeição que póde e deve servir de modelo a outros paizes, principalmente ao nosso e, particularmente, ao Pará, que a esse respeito ainda tem tudo por fazer.

Alem d'essa nossa observação pessoal, temos a opinião autorisada do dr. Dufestel, cuja recente obra *Hygiene Scolaire* nos forneceu valiosos apontamentos para as presentes considerações.

Em Bruxellas, os medicos visitam as escolas 3 vezes por mez, annotando na «caderneta de saude» que é distribuida a cada alumno, com as medidas de seu peso, altura, capacidade pulmonar e força dynamometrica, as modificações verificadas durante esse periodo, bem como a observação do medico sobre o desenvolvimento intellectual do alumno.

Ali já se instituiu o serviço de uma medicação preventiva nas escolas ás creanças debeis, distribuindo-se, gratuitamente, fornecidos pela pharmacia da repartição de saude publica, oleo de figado de bacalháo e extracto de carne.

Em Anvers, Liége e Louvain funciona tambem um serviço medico muito regular.

Assim, o Pará não deve perder tempo em adoptar e organizar esse serviço que será da maior utilidade á instrucção da infancia da nossa terra.

Como estamos vendo, todos os paizes modernos ligam a maxima importancia ao problema de assegurar á creança um desenvolvimento physico racional e de premunil-a contra as molestias inherentes ao meio ambiente escolar.

Fica nestas linhas lançada a nossa primeira pedra para a adopção d'essa medida que reputamos util e inadiavel.

Que outros, que podem, nol-o secundem.

E' o que anhelamos, para o bom nome do nosso Pará moderno.

Luiz Barreiros

